

Estudo divulgado pelo Colégio Americano de Cardiologia mostra que há prevalência em pacientes que apresentam maior risco de insuficiência cardíaca devido a terapias oncológicas. Intenção é aprimorar os exames de rotina desse grupo

APNEIA afeta a saúde vascular

» AMANDA GONÇALVES*

Unsplash/Reprodução



A má respiração repercute no momento de dormir sobretudo para quem passou por tratamentos contra tumores malignos

Apneia obstrutiva do sono (SAOS) é um distúrbio grave em que a respiração pausa e reinicia diversas vezes durante o adormecimento, resultando em sensações persistentes de cansaço e sonolência, além de aumentar o risco de condições cardiovasculares. Um estudo divulgado, ontem, pelo Colégio Americano de Cardiologia, aponta que a doença é prevalente em pacientes que apresentam maior risco de insuficiência cardíaca congestiva (ICC) devido à terapia contra o câncer, representando uma ameaça a mais para o surgimento de alterações no órgão.

Os resultados da pesquisa mostram que a incidência de apneia obstrutiva do sono foi de 54% no grupo de pacientes submetidos apenas a cuidados cardiovasculares e de 39% nos participantes cardio-oncológicos. A presença de SAOS nos participantes do segundo grupo foi igual ou superior a outros fatores de risco que aumentam a probabilidade de ocorrência de ICC. Mesmo com um percentual de sangue que o ventrículo bombeia para o vaso sanguíneo durante a contração do músculo cardíaco estabilizado, o estado e a gravidade da apneia do sono foram associados a uma tensão anormal do ventrículo esquerdo.

A prevalência de SAOS no grupo de cardiologia geral foi semelhante às taxas relatadas em pacientes com insuficiência cardíaca com fração de ejeção reduzida (ICFER), que indica que o coração está muito fraco para bombear adequadamente, ou insuficiência cardíaca com fração de ejeção preservada (ICFEP), em que o órgão

está muito rígido para se encher adequadamente de sangue, entre 52% com ICFER e 48% com ICFEP.

Segundo os autores, as evidências da pesquisa sugerem que o strain longitudinal global (SLG) — medida de detecção de distúrbios sutis no bombeamento do órgão —, e do ventrículo esquerdo foi mais anormal em pacientes com apneia do sono não tratada ou com pontuação elevada no questionário de avaliação de risco do distúrbio.

“A identificação desses indivíduos pode permitir a intervenção

precoce de um fator de risco claramente associado à insuficiência cardíaca, agora reconhecido como afetando a terapia do câncer e a sobrevivência”, observa, em nota, Mini K. Das, diretora do programa de cardiologia do Baptist Health, nos Estados Unidos, e principal autora do trabalho.

Diagnóstico

Para o estudo, a equipe avaliou a prevalência da SAOS entre 296 pacientes de cardiologia

geral e 218 de cardio-oncologia. Em ambos os grupos, os pesquisadores coletaram dados obtidos a partir de uma ferramenta de triagem amplamente utilizada para detecção de apneia do sono em pacientes com suspeita do distúrbio, conhecida como STOP-BANG, além do histórico de sono dos participantes.

O questionário STOP-BANG é constituído de oito perguntas, cada uma baseada em uma letra da sigla: Snore, Tiredness, Observed, Blood Pressure, BMI (body mass index), Age, Neck,

Gender — ronco, cansaço, observação, pressão arterial, IMC (índice de massa corporal), idade, pescoço e gênero, em português. As questões são atribuídas a respostas de sim ou não, variando de 0 a 8. Uma pontuação menor que três simboliza alta sensibilidade para detecção de SAOS moderada e grave.

Além dos resultados coletados pela ferramenta diagnóstica, a equipe utilizou informações de ecocardiograma — exame que utiliza ondas sonoras para produzir imagens do seu

coração — da fração de ejeção do ventrículo esquerdo (FEVE) e os resultados do SLG foram medidos nos pacientes do grupo cardio-oncológico.

Mini K. Das relata que o objetivo da pesquisa era identificar com precisão fatores de risco de doenças cardíacas em pacientes oncológicos que pudessem ser identificados por meio de métodos de detecção alternativas, além de exames diagnósticos como o ecocardiograma.

“O ecocardiograma evoluiu para ser uma ferramenta útil para detectar e, portanto, tratar precocemente a cardiomiopatia em pacientes com apneia do sono e na população cardio-oncológica. Por isso, também, queríamos ver se existem marcadores de eco compartilhados que identificam os pacientes que estão em maior risco e como eles iniciam sua jornada para tratar o câncer”, disse, em nota, Das.

Para a médica, os resultados do estudo sugerem que o método utilizado no estudo pode ser integrado no diagnóstico da SAOS em grupos de risco cardíacos. Ela observa que são necessários mais estudos, no futuro, para investigar o efeito da SAOS em pacientes oncológicos, além de condições cardíacas.

“A apneia do sono deve ser incorporada nos algoritmos de risco atuais e é necessário um estudo maior para avaliar o impacto da apneia do sono nesta população de alto risco. Acreditamos que a avaliação da apneia do sono deve fazer parte da avaliação de risco de rotina para pacientes submetidos à terapêutica contra o câncer”, ressalta, Das.

*Estagiária sob supervisão de Renata Giraldi

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 5

DEPRESSÃO LIGADA À TEMPERATURA CORPORAL

Pessoas com depressão têm temperaturas corporais mais altas, revelou um estudo liderado pela Universidade da Califórnia, em San Francisco. Publicado na revista *Scientific Reports*, o estudo não indica se o transtorno mental aumenta a temperatura ou se é o contrário. Os pesquisadores analisaram dados de mais de 20 mil participantes de 106 países, acompanhados por sete meses. Segundo a principal autora, as descobertas lançam luz sobre como um novo método de tratamento da depressão pode funcionar, provocando o autorresfriamento do corpo, por exemplo.



QUARTA-FEIRA, 7

TUBARÃO DE 65 MILHÕES DE ANOS

Cientistas do Alabama, nos Estados Unidos, anunciaram a descoberta de uma espécie de tubarão, que viveu há 65 milhões de anos. Ele foi nomeado *Palaeohypotodus bizzocoi*. A descoberta foi acidental: um dos pesquisadores examinava coleções históricas de fósseis quando encontrou uma pequena caixa com dentes (foto) coletados há mais de 100 anos no condado de Wilcox, mas ainda não estudado. No Alabama, grande parte da metade sul do estado era coberta por um oceano raso tropical a subtropical durante o Paleoceno, quando o animal viveu.

BENEFÍCIOS DA MÚSICA

Quer seja cantando num coro, tocando piano na sala de estar, ou apenas assoviando com o rádio, uma nova pesquisa descobriu que quase todos os adultos acima dos 50 anos garantem que a música lhes traz muito mais do que apenas entretenimento. Três quartos das pessoas entrevistadas afirmam que ela ajuda a aliviar o estresse ou relaxar, e 65% acreditam que melhora a saúde mental ou o humor. Para 60% dos participantes da Pesquisa Nacional sobre Envelhecimento Saudável da Universidade de Michigan (UM), nos Estados Unidos, outros benefícios são mais energia e motivação. “A música tem o poder de trazer alegria e sentido à vida. Está entrelaçada na própria estrutura da existência de toda a humanidade”, acredita Joel Howell, professor de medicina interna na Faculdade de Medicina da UM, que trabalhou com a equipe de pesquisa.

QUINTA-FEIRA, 8

INSETICIDA VERDE

Cientistas descobriram um pequeno verme (foto) que infecta e mata insetos. Os chamados nematoides, poderiam controlar pragas em locais quentes e úmidos, onde outras espécies benéficas atualmente não conseguem prosperar. O verme é membro de uma família chamada Steinernema, que há muito é usada na agricultura para controlar parasitas. Ele não é prejudicial aos humanos ou outros mamíferos. Descrita na revista *Journal of Parasitology*, a espécie é quase invisível a olho nu, tem cerca de metade da largura de um fio de cabelo humano e pouco menos de 1 milímetro (mm) de comprimento. A expectativa é que o verme possa ser usado no desenvolvimento de inseticidas verdes, sem substâncias tóxicas.

Adler Dillman / UCR/Divulgação



TERÇA-FEIRA, 6

ZIKA AUMENTA RISCO DE DENGUE GRAVE

Um estudo liderado por pesquisadores brasileiros mostra que pessoas que contraíram zika correm maior risco de, posteriormente, ter dengue grave e serem hospitalizadas. O mecanismo que agrava a infecção por dengue após um caso de zika difere daquele de duas infecções consecutivas pelo vírus da dengue, afirmam os autores no artigo, publicado na revista *Plos*. “Concluimos que infecção prévia por dengue não era fator de risco para gravidade, provavelmente porque os pacientes já estavam na terceira ou quarta infecção. A infecção prévia por zika, entretanto, foi importante e um agravante em um segundo episódio de dengue”, concluíram.